

*As aventuras do*  *Capitão Alatrieste*

Arturo Pérez-Reverte

# O SOL DE BREDÁ



*Tradução*

Paulina Wacht  
e Ari Roitman



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1998 by Arturo Pérez-Reverte

Esta obra foi publicada com o apoio da Secretaria Geral do Livro,  
Arquivos e Bibliotecas do Ministério da Cultura da Espanha



*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
El sol de Breda

*Capa*  
Kiko Farkas/ Máquina Estúdio  
Thiago Lacaz/ Máquina Estúdio

*Imagem de capa*  
Crispijn van de Passe I, c. 1606, 21,5 x 17,3 cm

*Preparação*  
Mirtes Leal

*Revisão*  
Carmen S. da Costa  
Márcia Moura

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Pérez-Reverte, Arturo  
O sol de Breda / Arturo Pérez-Reverte ; tradução Paulina  
Wacht e Ari Roitman. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original : El sol de Breda.  
ISBN 978-85-359-1599-0

1. Romance espanhol I. Título.

10-00204

CDD-863

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Romances : Literatura espanhola 863.64

[2010]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ LTDA.  
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
www.companhiadasletras.com.br

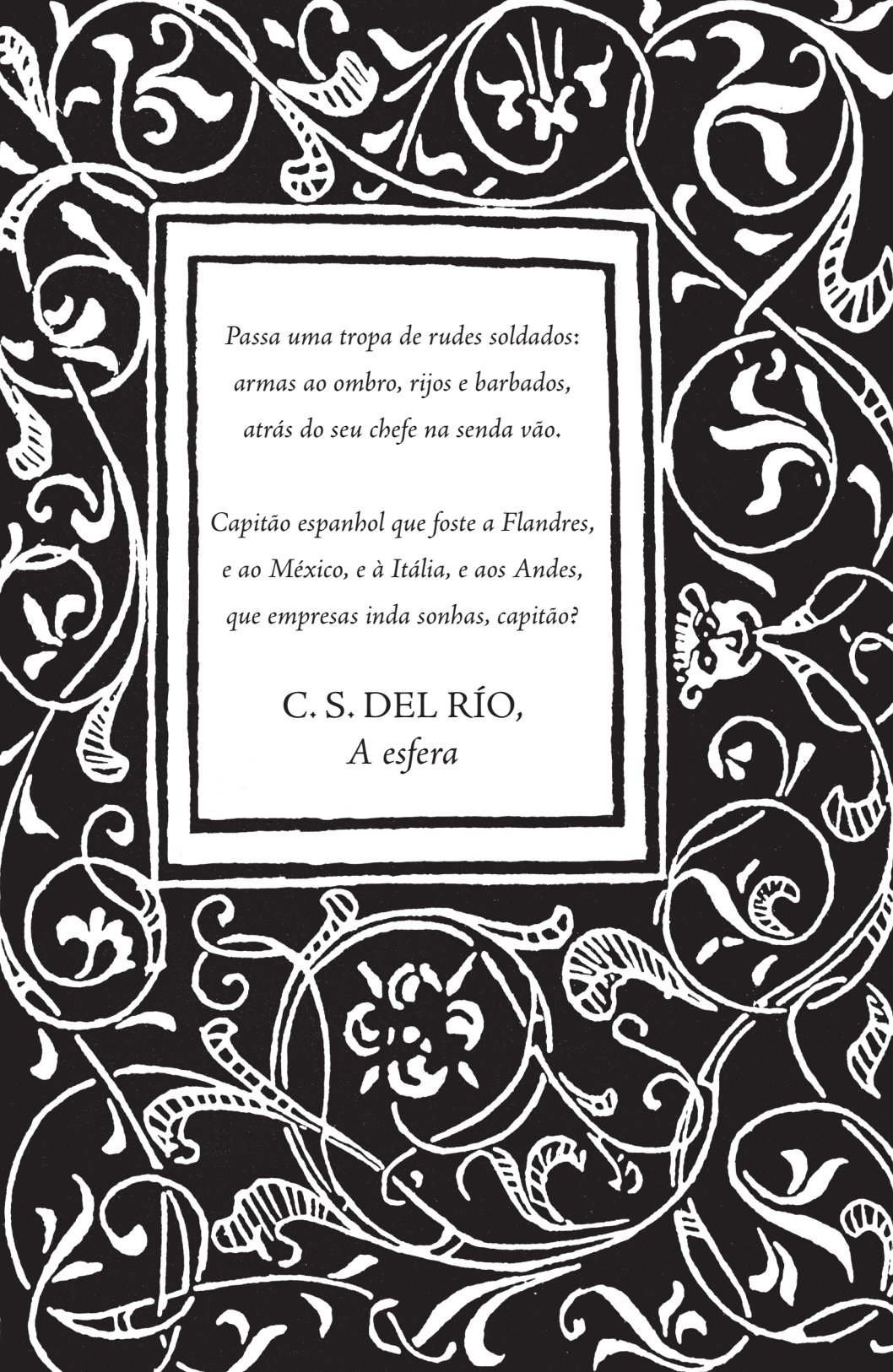


## Sumário

1. O golpe de mão + 11
2. O inverno holandês + 32
3. O motim + 59
4. Dois veteranos + 82
5. A fiel infantaria + 104
6. A degola + 128
7. O assédio + 147
8. A encamisada + 169
9. O mestre e a bandeira + 192

Epílogo + 212

Nota do editor + 221



*Passa uma tropa de rudes soldados:  
armas ao ombro, rijos e barbados,  
atrás do seu chefe na senda vão.*

*Capitão espanhol que foste a Flandres,  
e ao México, e à Itália, e aos Andes,  
que empresas inda sonhas, capitão?*

**C. S. DEL RÍO,**  
*A esfera*

I.

## O GOLPE DE MÃO



Sabe Deus como os canais holandeses são úmidos nos amanheceres de outono. Em algum lugar acima do véu de neblina que cobria o dique, um sol impreciso iluminava debilmente as silhuetas que avançavam pelo caminho em direção à cidade, que abria as portas para o mercado da manhã. Aquele sol era um astro invisível, frio, calvinista e herege, sem dúvida indigno de seu nome: uma luz suja, cinzenta, sob a qual se moviam carros de boi, camponeses com cestos de legumes, mulheres de toucas brancas levando queijos e cântaros de leite.

Eu caminhava devagar em meio à bruma, com meus alforjes pendurados ao ombro e os dentes apertados para não baterem de frio. Dei uma espiada no barranco do dique, onde a neblina se fundia com a água, e só vi traços difusos de juncos, capim e árvores. Na verdade, por um momento julguei divisar um

reflexo metálico quase opaco, parecendo de morrião ou couraça, ou talvez aço nu; mas foi só por um instante, logo depois o vapor úmido que subia do canal cobriu-o de novo. A jovem que caminhava ao meu lado também deve tê-lo visto, porque me dirigiu um olhar inquieto de entre as dobras da touca que lhe cobria a cabeça e o rosto, e depois olhou para as sentinelas holandesas que, com peitoral, casco e alabarda, já se recortavam, cinza-escuro sobre cinza, na porta externa da muralha, ao lado da ponte levadiça.

A cidade, que não passava de uma grande aldeia, chamava-se Oudkerk e ficava na confluência do canal Ooster com o rio Merck e o delta do Mosa, que os flamengos chamam de Maas. Sua importância era mais militar que de outra espécie, porque lá se controlava o acesso ao canal por onde os rebeldes hereges enviavam reforços a seus compatriotas sitiados em Breda, que distava três léguas. Era guarnecida por uma milícia de cidadãos e duas companhias regulares, uma delas inglesa. Além do mais, as fortificações pareciam sólidas, e a porta principal, protegida com baluarte, fosso e ponte levadiça, era impossível de tomar sem esforço. Justamente por isso, naquele amanhecer eu me encontrava ali.

Suponho que me terão reconhecido. Chamo-me Íñigo Balboa, nessa época tinha cerca de catorze anos e posso dizer sem nenhuma presunção que, se ser veterano é ter sido bem esfaqueado, eu era, pese a minha juventude, perito nessa arte. Depois dos arriscados lances que tiveram como cenário a Madri do nosso rei dom Felipe IV, onde fui obrigado a empunhar a pistola e o aço e também estive a um passo da fogueira, eu havia passado os últimos doze meses ao lado do meu amo, o ca-

pitão Alatraste, no exército de Flandres; isso depois de o Terço Velho de Cartagena, após navegar até Gênova, subir por Milão e pelo chamado Caminho Espanhol até a zona de guerra com as províncias rebeldes. Ali, passada a época dos grandes capitães, dos grandes assaltos e dos grandes butins, a guerra se havia transformado numa espécie de jogo de xadrez lento e tedioso, em que as praças fortes eram assediadas e trocavam de mãos uma e outra vez, e no qual muitas vezes contava menos o valor que a paciência.

Em tais circunstâncias andava eu nesse amanhecer em meio à neblina, caminhando como quem não quer nada em direção às sentinelas holandesas e à porta de Oudkerk, ao lado da jovem que cobria o rosto com uma touca e cercado de camponeses, gansos, bois e carroças. E assim caminhei um trecho, mesmo depois de um dos camponeses passar ao meu lado, um sujeito talvez excessivamente moreno para essa paisagem e essa paisanada — ali quase todos eram louros, de pele e olhos claros —, murmurando entre os dentes, bem baixinho, algo que me pareceu uma ave-maria, apertando o passo como se para reunir-se a outros quatro companheiros, também insolitamente magros e morenos, que caminhavam um pouco mais à frente.

E então chegamos juntos, quase todos ao mesmo tempo, os quatro da frente, o mais atrasado, a jovem de touca e eu mesmo, à altura das sentinelas que estavam na ponte levadiça e na porta. Havia um cabo gordo, de tez avermelhada, enrolado numa capa preta, e outra sentinela com um bigode comprido e louro, de quem me lembro muito bem porque disse alguma coisa em flamengo, sem dúvida um galanteio, à jovem de tou-

ca, e depois riu alto. E de repente parou de rir porque o camponês magro da ave-maria havia puxado uma adaga do gibão e o estava degolando; e o sangue saltou da garganta aberta num jato tão forte que manchou meus alforjes, bem na hora em que eu os abria, e os outros quatro, em cujas mãos também haviam aparecido adagas como relâmpagos, empunhavam as pistolas bem cevadas que eu levava lá dentro. Então o cabo gordo abriu a boca para chamar às armas; mas foi só o que fez, abrir a boca, porque antes de pronunciar a primeira sílaba passaram uma adaga logo acima da gorjeira do seu corselete, retalhando-lhe a goela de orelha a orelha. E quando caiu no fosso eu já havia largado os alforjes e, com minha adaga entre os dentes, escalava uma coluna da ponte levadiça como um esquilo, enquanto a jovem de touca, que não estava mais com a touca nem era uma jovem, pois voltara a ser um rapaz da minha idade que atendia pelo nome de Jaime Correias, subia pelo outro lado para, do mesmo modo que eu, bloquear o mecanismo da ponte levadiça com cunhas de madeira e cortar suas cordas e roldanas.

Então Oudkerk madrugou como nunca em sua história, porque os quatro das pistolas e o da ave-maria se espalharam como demônios pelo baluarte, soltando cutiladas e tiros de pistola a esmo. E ao mesmo tempo, enquanto meu companheiro e eu, já inutilizada a ponte, deslizávamos pelas correntes abaixo, brotou um clamor rouco na margem do dique: o grito de cento e cinquenta homens que haviam passado a noite no meio da neblina, enfiados na água até a cintura, e que agora saíam gritando “Santiago! Santiago!... Espanha e Santiago!”, decididos a espantar o frio com sangue e fogo, e subiam o bar-

rango de espadas em punho, corriam pelo dique até a ponte levadiça e a porta, ocupavam o baluarte, e depois, ante o pavor dos holandeses que corriam de um lado para o outro como gansos enlouquecidos, entravam na aldeia degolando a torto e a direito.

Hoje, os livros de história falam do assalto a Oudkerk como uma matança, mencionam a *fúria espanhola* de Ambères e toda essa parafernália, e afirmam que naquele amanhecer o terço de Cartagena comportou-se com singular crueldade. Pois bem... Ninguém me contou, porque eu estava lá. Aquele primeiro momento, é claro, foi uma carnificina sem quartel. Mas dissei vossas mercês de que outra maneira poder-se-ia tomar de assalto, com cento e cinquenta homens, uma aldeia fortificada holandesa cuja guarnição é de setecentos. Só o terror de um ataque inesperado e sem piedade poderia quebrar rapidamente o espinhaço dos hereges, de maneira que nisso aplicou-se o nosso pessoal com o rigor profissional dos velhos terços. As ordens do mestre de campo dom Pedro de la Daga haviam sido matar muito, e bem, logo de começo, para apavorar os defensores e forçá-los a uma rápida rendição, sem ocupar-nos do saqueio até que a conquista estivesse bem assegurada. De maneira que poupo os detalhes. Só direi que era tudo um vai-vém de tiros de arcabuz, gritos e estocadas, e que nenhum varão holandês com mais de quinze ou dezesseis anos dentre os que nossos homens encontraram nos primeiros momentos do assalto, quer pelejasse, fugisse ou se rendesse, ficou vivo para contar a história.